

DIÁLOGOS A PARTIR DOS SABERES LOCAIS A CERCA DOS AMBIENTES E SOLOS NA COMUNIDADE PEDRO EZEQUIEL MUNICÍPIO DE IPANGUAÇU - RN

M. C. G. Azevedo¹ ; J. W. C. Carvalho² ; R.F. Brito³ ; R.B. Lira⁴
E-mail: claraguimaraes@hotmail.com¹; jose.carvalho@ifrn.edu.br²; haranha1@hotmail.com³;
ranierebarbosa@bol.com.br⁴

RESUMO

O ser humano primitivo aprendeu retirar da natureza o que era necessário para sua sobrevivência ao deixar de ser nômade, sendo fundamental a compreensão do manejo dos recursos naturais em seu entorno. Objetivou-se com este estudo, resgatar, identificar, sistematizar e valorizar o saber tradicional cultural sobre o solo e o ambiente o qual estão inseridos os agricultores da comunidade Pedro Ezequiel, município de Ipanguaçu - RN, inter-relacionando-o com o conhecimento gerado no meio científico através do estabelecimento de

metodologias participativas a partir de uma reflexão dialogada com os agricultores. Estes foram capazes de distinguir, identificar e nomear os ambientes e os diversos solos ali encontrados. Ao fazerem a distinção dos ambientes os agricultores dividiram a comunidade entre a várzea e o tabuleiro, identificando ainda variações de solo dentro desses ambientes. Na Várzea foram feitas distinções entre a Várzea argilosa e a Várzea ariscada; no Tabuleiro foram identificados os Tabuleiros branco e vermelho e piçarro.

PALAVRAS-CHAVE: Etnopedologia, Agroecologia, Classificação de solos.

DIALOGUES FROM LOCAL KNOWLEDGE OF THE FENCE AND ENVIRONMENTS OF SOILS IN PEDRO EZEQUIEL COMMUNITY IN CITY OF IPANGUAÇU - RN

ABSTRACT

The primitive man learned to withdraw from nature that was necessary for their survival to stop being nomadic, and fundamental understanding of the management of natural resources in their environment. The objective of this study was to redeem, identify, classify and value the traditional knowledge and cultural environment on the ground which are inserted farmers Pedro Ezequiel community, municipality Ipanguaçu - RN, interrelating it with the knowledge generated in the scientific community through the establishment of participatory

methodologies from a reflection through dialogue with farmers. They were able to distinguish, identify and name the various environments and soils found there. In making the distinction environments farmers divided the community between the Várzea and Tabuleiro, also identifying variations in soil within these environments. In Várzea distinctions were made between the várzea clay and Várzea ariscada; were identified in Tabuleiro white and red and piçarro.

KEYWORDS: Ethnopedology, Agroecology, Classification of soils.

1 INTRODUÇÃO

Desde a antiguidade o ser humano primitivo aprendeu retirar da natureza o que era necessário para sua sobrevivência, seja na coleta de frutos, folhas ou raízes. Desta maneira com o passar dos anos, o ser humano foi se adaptando e se fixando em certos espaços ou territórios, deixando de ser nômade. Para essa fixação foi fundamental a compreensão do manejo dos recursos naturais em seu entorno, particularmente no que diz respeito a solo, água, planta e animal.

Assim esse conhecimento milenar tem sido passado de geração a geração há pelo menos 10.000 anos, período onde surge à base da agricultura moderna. Tais informações serviram de base para o desenvolvimento científico das ciências agrárias e a ciência do solo atual, no entanto esses conhecimentos tem se distanciado, principalmente ao longo dos últimos 50 anos, com a modernização da agricultura ou revolução verde, o que tem provocado sérias consequências ao ambiente e degradação dos recursos naturais.

Para Alves et al. (2006) na medida em que ideias e interpretações baseadas na ciência formal, muitas vezes trazidas de regiões temperadas, falham ao serem aplicadas no manejo dos solos em ecossistemas tropicais, torna-se evidente que o conhecimento local, presente em grupos humanos que vêm interagindo com solos e ambientes por gerações, pode oferecer novas e instigantes perspectivas para o manejo e a conservação, em bases sustentáveis, inclusive em nosso país.

Essa visão vai ao encontro do conceito de co-evolução, um dos elementos centrais na Agroecologia, pois para Casado, Molina e Guzmán (2000), um dos efeitos derivados do princípio da co-evolução se dá no reconhecimento de que os sistemas agrários tradicionais têm co-evoluído durante centenas de anos, e assim a experiência adquirida pelos camponeses que historicamente os tem manejado com o saber e o conhecimento associado que tem desenvolvido e acumulado com o tempo.

Também para Morin (2000) o conhecimento só tem sentido quando situado no contexto, sendo que a ausência da contextualização torna o processo cognitivo insuficiente e assim todas as condutas se aprendem e são aprendidas em um ambiente e todos os ambientes têm capacidade de educar. Dessa forma contraria as premissas dominantes na pesquisa científica, como a qual muitas vezes, submete a segundo plano o conhecimento dos agricultores com suas pesquisas predominantemente realizadas em centros universitários desconsiderando os diversos contextos os quais estão inseridos os agricultores, e assim tratando-os tão somente como objeto ou receptores das pesquisas, jamais como sujeitos ativos e legítimos detentores de conhecimento capazes de contribuir ativamente na definição, planejamento e execução das pesquisas.

Já para Correia et al.(2007) um dos desafios para construção de modelos agrícolas que se referenciam pela sustentabilidade é a utilização de conhecimentos científicos adequados a singulares situações sociais. Para isso, é necessário considerar saberes acumulados por agricultores no espaço e no tempo. No caso do recurso 'solos', pouco desse saber é considerado no ensino em ciência do solo e nos trabalhos de pedologia.

Dessa forma Alves et al. (2005) afirma que a realização de pesquisas etnopedológica em contextos sociais e pedológicos pode contribuir para o avanço da ciência do solo, sendo também uma oportunidade para uma melhor compreensão das formas campestinas de conhecimento e manejo de solos.

Assim sendo buscou-se com este estudo, resgatar, identificar, sistematizar e valorizar o saber tradicional cultural sobre o solo e o ambiente o qual estão inseridos, inter-relacionando-o com o conhecimento gerado no meio científico através do estabelecimento de metodologias participativas a partir de uma reflexão dialogada com os agricultores e sua visão de protagonistas desse processo.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Embora o conhecimento dos agricultores sobre o uso das terras possa auxiliar no levantamento de solos e ser imprescindível, muitas vezes, no plano de manejo sustentável dos recursos naturais, não existe uma ponte ou mesmo uma complementaridade na construção do conhecimento científico tido aqui como o Sistema Brasileiro de Classificação de Solos (SiBCS) de acordo com EMBRAPA (2006) e a classificação campestina dos solos, localmente adotada pelos agricultores, emergindo assim uma barreira no momento da comunicação sobre identificação, uso e conservação dos solos entre agricultores e técnicos extensionistas ou pesquisadores.

Assim considerando o solo como estratificador de ambientes e base para elaboração do planejamento de uso da terra, a integração entre saberes de agricultores e de pedólogos pode permitir a construção de modelos agrícolas mais adequados à realidade local (Correia et al., 2007). No entanto a falta de legitimidade dado aos conhecimentos culturais por parte dos cientistas convencionais tem feito com que muitos programas e projetos venham a fracassar por falta de um diálogo verdadeiro que promova a construção de um novo conhecimento justapondo o conhecimento acadêmico ao conhecimento campestino.

Contrariando essa falta de legitimidade Correia et al. (2007), em um estudo de caso em Rio Pardo Minas, conclui que os dois modos de construção do conhecimento sobre solos (do agricultor e do pedólogo) não são conflitantes.

Já Vale Jr. et al. (2007) confrontaram a experiência etnopedológica dos índios Uapixana com o SiBCS, durante o levantamento de solos da Terra Indígena Malacacheta, estado de Roraima, e afirmaram que o diálogo etnopedológico travado entre a comunidade indígena e os pedólogos trouxe contribuições muito relevantes e mutuamente benéficas, facilitando a transferência de conhecimento entre os dois saberes, *in loco*, e ainda a experiência permitiu uma real comunicação e aproximação entre os agentes do saber (indígenas e técnico), com base na troca e em descobertas mútuas de conhecimentos.

Também em um estudo relacionando o conhecimento local do ambiente com os atributos químicos e físicos do solo e com o Sistema de Capacidade de Uso das Terras para fins de reforma agrária, no Norte de Minas Gerais, Fernandes et al. (2008), concluíram que o conhecimento local

sobre o uso das terras mostrou estreita relação com o Sistema de Capacidade de Uso, constituindo uma ferramenta para o parcelamento das terras para fins de Reforma Agrária.

Já Benassi et al. (2009) mostraram que os agricultores reconhecem os diferentes tipos de solos existentes nas suas unidades de exploração agrícola, tipificando-os por meio de um sistema próprio de classificação.

Para isso Alves (2004), com o intuito de analisar o perfil do solo em profundidade através da visão de um grupo de artesões “loiceiros” solicitou que um dos cinco informantes primários, indicasse e nomeasse, de acordo com seus próprios critérios, os tipos de materiais que ele (a) fosse capaz de reconhecer nesses perfis, sendo que em seguida foram coletadas amostras dos materiais indicados pelos ceramistas, medindo-se também as respectivas profundidades e espessuras.

Já Correia et al. (2007), em um estudo de caso em Rio Pardo Minas, obteve as informações dos agricultores sobre solos e ambientes utilizando-se de técnicas de estudos etnográficos, como observação participante, entrevistas semiestruturadas, histórias de vida e caminhadas transversais, além da técnica de desenho de mapas das propriedades, realizados pelos próprios moradores.

Benassi et al. (2009) analisaram o conhecimento dos agricultores familiares da região Centro-Sul do Paraná sobre os solos de pequenas comunidades rurais tradicionais por meio de metodologias participativas e abordagem direta. Aplicando trinta questionários semi-estruturados aos agricultores e, como auxílio dos mesmos organizaram croquis com a distribuição dos solos na paisagem, por meio de técnicas de ranqueamento e tempestade de idéias.

Dessa forma a investigação de termos locais culturalmente utilizados pelos agricultores como “carrasco”, “arisco”, “salão”, “massapé”, “cabeça de gato” entre outros, poderá proporcionar não só a socialização de interpretações entre o conhecimento científico e o cultural, mas a construção de um novo conhecimento com maior potencial de aplicação e sustentabilidade.

3 METODOLOGIA

As ações do projeto foram realizadas na Microrregião do Vale do Açu, uma das dezenove microrregiões do estado brasileiro do Rio Grande do Norte pertencente à Mesorregião do Oeste Potiguar, na comunidade rural de Pedro Ezequiel (Figura 1), situada na cidade de Ipanguaçu – RN dentro da abrangência da realidade que envolve o IFRN, Campus Ipanguaçu. O município localiza-se a uma latitude sul de 5° 29' 56" e longitude a oeste de 36° 51' 10", com uma área territorial de 374, 236 km² (37.424 ha) e uma estimativa de 13.856 habitantes, sendo que sua densidade demográfica é de 37,02 (hab/km²) com clima considerado semiárido, portanto, quente e seco e uma precipitação pluviométrica bastante irregular.

O trabalho foi realizado durante o ano de 2012, nesse período foram feitas visitas de acordo com agendas acordadas com a comunidade e entrevistados. A percepção dos agricultores sobre os diferentes ambientes bem como seus sistemas de classificação teve como base os

instrumentos disponibilizados nas metodologias participativas: Geilfus (1997), Verdejo (2006), Chaves-Tafur (2007).

A pesquisa teve três agricultores como informantes principais, escolhidos a partir do conhecimento do tema com base na experiência dos próprios autores com a comunidade tendo por base outro trabalho realizado no assentamento ou indicados por seus pares; outros agricultores que participaram com menor intensidade ou de forma complementar foram considerados informantes secundários.

A identificação e caracterização das áreas representativas dos diferentes ambientes pelos agricultores e suas diversas formas de uso se deu através de caminhadas guiadas as áreas pelos agricultores, onde os mesmos puderam indicar, nomear e caracterizar segundo sua própria lógica e conceito a partir de entrevista aberta por meio de um roteiro semi estruturado realizada durante a própria caminhada e complementada posteriormente, em alguns momentos, na casa dos próprios agricultores, georeferenciamento dos solos e ambientes representativos com registro escrito através de caderneta de campo e registro fotográfico.

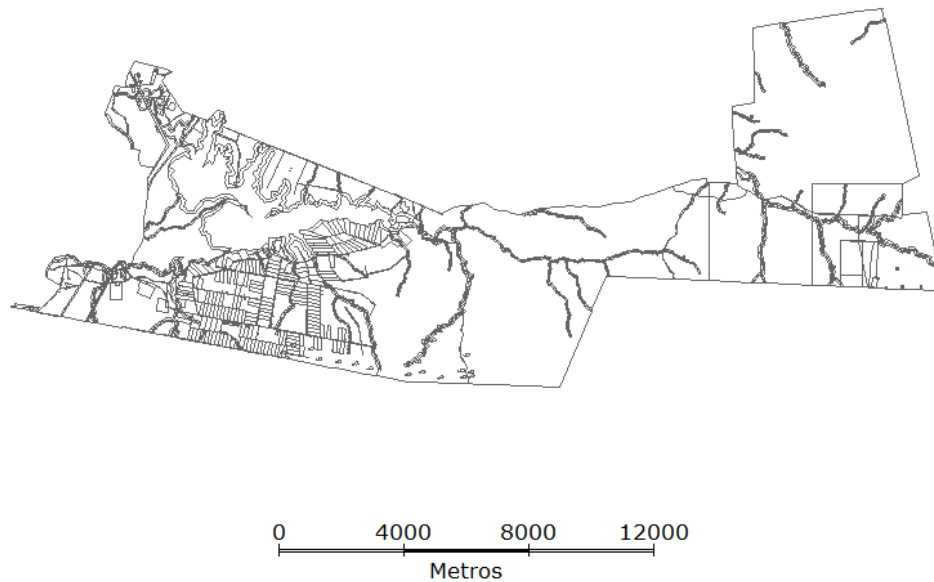


Figura 1 – Mapa ilustrativo do Assentamento Pedro Ezequiel.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Ao fazerem a distinção dos ambientes no Assentamento Pedro Ezequiel os agricultores dividiram o assentamento entre a várzea e o tabuleiro, identificando ainda variações de solo dentro desses ambientes. Na Várzea, foram feitas distinções entre a Várzea argilosa e a Várzea ariscada ou arisco; no Tabuleiro foram identificados os Tabuleiros branco e vermelho e piçarro ou serrote.

Foi possível perceber que dentre os critérios para diferenciar os ambientes e os solos ali encontrados, os agricultores utilizaram fortemente o atributo cor e fertilidade, embora também fizessem uso de outros atributos de diferenciação, inclusive no nível de camadas, como foi identificado por outros autores como Correia et al. (2007).

4.1 Ambiente Várzea

De acordo com os agricultores esse ambiente assim é denominado por serem próximos a rios, lagos ou lagoas, apresentado uma vegetação típica de mata ciliar:

*“Antigamente se encontrava oiticica, juazeiro, a carnaúba (...). Hoje ainda encontramos carnaúba, mas principalmente jurema e algaroba.”
(Agricultor)*

4.1.1 Várzea ou Várzea argilosa

Embora as áreas de Várzea ou Vagem ou ainda vargem, muitas vezes passar boa parte do inverno indisponível, devido aos alagamentos, é o ambiente mais utilizado pelos agricultores no assentamento para a produção agrícola, segundo os mesmos por ser uma terra boa e fértil, plantando-se principalmente batata-doce e o milho, podendo ainda ser utilizada para outras culturas como banana e hortaliças.

Ambiente semelhante foi descrito por Moura & Souza (2013) como “barro de vargem” sendo atribuídos a estes solos características como ricos e produtivos.

4.1.2 Várzea ariscada ou Arisco

A Várzea ariscada ou simplesmente arisco, indicado pelos agricultores como sendo um solo misto, caracteriza-se pela mistura de barro e areia. Identificam ainda que este solo apresenta uma diferenciação de camadas, sendo que logo após uma camada superficial de areia e pedras estaria uma camada mais argilosa, opaca, e logo abaixo uma camada mais arenosa. Algo semelhante foi descrito por Moura & Souza (2013) onde encontraram a denominação “Arisco Barreado” descrevendo como um solo mais solto que o barro ou argila, componente textural predominante nos solos de várzea, embora não tenho observado a diferenciação de camadas.

4.2 Ambiente Tabuleiro

Para os agricultores essa tipologia de ambiente tem sido utilizada prioritariamente para as habitações em detrimento dos cultivos. Há uma variação nessa tipologia segundo os agricultores: quando apresentam uma textura mais arenosa, são denominados de tabuleiros brancos ou vermelhos, já quando apresentam uma significativa presença de pedras são denominados de piçarro ou serrote.

4.2.1 Tabuleiros Brancos e Vermelhos

Ambos caracterizados como solos arenosos e de pouca fertilidade, encontram-se na parte alta do assentamento. Mesmo sendo pouco utilizados para o plantio, fazem uma diferenciação de fertilidade tendo por base de distinção a cor:

“Se você plantar um feijão no tabuleiro de cor vermelha ainda nasce alguma coisa, mas no tabuleiro de cor branca você pode aguardar todos os dias, mas não dá nada.” (Agricultor).

São utilizados principalmente para a construção de residências, apesar de serem utilizados também na produção de culturas como feijão, melancia e algodão segundo os agricultores.

4.2.2 Piçarro ou serrote

Para os agricultores estes solos apresentam uma camada superficial formada por “pedregulhos soltos”, sendo que abaixo de sua camada superficial apresentam camadas endurecidas, o que dificulta, para eles, a penetração de ferramentas manuais de pequeno porte e torna-se quase impossível o seu cultivo.

Essa denominação de Tabuleiro relacionado com cascalhos ou como aparece aqui “pedregulhos” também foi encontrado por Correia et al. (2007).

Para os agricultores estes solos prestam-se principalmente para a construção civil, no uso de estradas e ainda relatam que devido sua cor avermelhada, esses solos eram utilizados em tinta para casas em tempos remotos.

5 CONCLUSÃO

Os agricultores pesquisados foram capazes de distinguir, identificar e nomear os ambientes e os diversos solos ali encontrados segundo a classificação campesina.

Os agricultores identificaram dois ambientes: a várzea e o tabuleiro. Na tipologia Várzea, foram feitas distinções entre a Várzea argilosa e a Várzea ariscada, no ambiente Tabuleiro foram identificados os Tabuleiros branco e vermelho e piçarro ou serrote.

Percebe-se a necessidade de aprofundar esse trabalho avançando nas correlações com o SiBCS para melhor compreensão dos atributos utilizados pelos agricultores ao distinguir ambientes e agrupar solos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, G. C.; MARQUES, J. G. W. ; QUEIROZ, S. B.; SILVA, I. F.; RIBEIRO, M. R. Caracterização Etnopedológica de Planossolos utilizados em cerâmica artesanal no Agreste Paraibano. Revista Brasileira de Ciências do Solo, 29: 379-388, 2005.

ALVES, G. C.; RIBEIRO, M. R.; ANJOS, L. H.C.; CORREIA, J. R. Por que estudar os nomes dados aos solos pelos camponeses? Inf. SBCS, 3:12-17, 2006.

CASADO, G. I. G.; MOLINA, G.M.; GUZMÁN, S. E. (Coord.). Introducción a la Agroecología como desarrollo rural sostenible. Madrid: Ediciones Mundi-Prensa, 2000.

CHAVES-TAFUR, Jorge. Aprender com a prática: uma metodologia para sistematização de experiências. Brasil, AS-PTA, 2007.

CORREIA, J. R.; ANJOS, L. H.C.; LIMA, A. C. S.; NEVES, D. P.; TOLEDO, L. O. ; CALDERANO FILHO, B.; SHINZATO, E. Relações entre o conhecimento de agricultores e de pedólogos sobre solos: estudo de caso em Rio Pardo de Minas, MG. Revista Brasileira de Ciências do Solo, 31: 1045-1057, 2007.

GEILFUS, Frans. 80 Herramientas para el Desarrollo Participativo: diagnóstico, planificación, monitoreo, evaluación. El Salvador, Prochamate/IICA, 1997.

MOURA, M. T.; SOUZA, J. L. G. A classificação campestre de solos nas comunidades de Arenosa e Mutambinha no município de Carnaubais – RN. Ipanguaçu, RN: IFRN, 2013. 45f. TCC (Técnico em Agroecologia), IFRN, Ipanguaçu.

MORIN, E. A inteligência da complexidade. 2ª ed. São Paulo: Petrópolis, 2000.

VERDEJO, M. E. Diagnóstico rural participativo: guia prático DRP. Brasília: MDA / SAF, 2006.